

**UNIUBE - UNIVERSIDADE DE UBERABA**

**Bruna Alcântara Mendes Karina  
Soares Costa**

**LUTO INFANTIL E SEUS PROCESSOS: UMA REVISÃO NARRATIVA DA  
LITERATURA.**

**UBERABA-MG**

**2022**

**UNIUBE - UNIVERSIDADE DE UBERABA**

**Bruna Alcântara Mendes Karina**

**Soares Costa**

**LUTO INFANTIL E SEUS PROCESSOS: UMA REVISÃO NARRATIVA DA  
LITERATURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de Uberaba  
como exigência obrigatória para  
conclusão da disciplina

Orientadora: Profa. Camila Aparecida  
Peres Borges.

**UBERABA - MG**

**2022**

**AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela nossa vida, e por nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos nossos pais, por nunca terem medido esforços para nos proporcionar um ensino de qualidade, sempre nos incentivando nos momentos difíceis.

À instituição de ensino, que foi essencial no nosso processo de formação profissional e nossas orientadoras, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação.

ALCÂNTARA, Bruna. M.; SOARES, Karina. C; **Luto infantil e seus processos: uma revisão narrativa da literatura**. Uberaba/MG, 2022. Monografia 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade de Uberaba. Orientadora: Prof. Me. Camila Aparecida Peres Borges.

## **RESUMO**

O luto é uma fase muito difícil e é considerado como um período traumático por quem passa por ele, principalmente as crianças. As implicações pelo luto não vivenciado podem trazer grandes problemas no cotidiano da criança. Tem como objetivo compreender os processos do luto infantil e as principais estratégias de comunicação utilizadas neste contexto, a partir da revisão narrativa de literatura científica. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura científica, as buscas foram realizadas nas bases eletrônicas LILACS, SciELO, Google e Google Acadêmico utilizando-se combinações que abordem o tema desta revisão. Durante a pesquisa foi possível encontrar no primeiro capítulo que durante as gerações passadas a morte estava ligada a um acontecimento medonho como forma de castigo e sobre como é o processo de luto. No segundo capítulo, discutimos sobre a infância e a morte, na idade média por volta do século XIX a morte do outro passou a ser assustadora e as crianças afastadas dos rituais de despedidas. No terceiro e último capítulo discutimos sobre o luto infantil como os autores Freud, Klein e Winnicott descrevem o luto e a elaboração desse processo. A comunicação da morte tem sido representada de maneiras diversas, trazendo várias consequências no processo de organização de recursos para lidar com as perdas, principalmente pelas crianças. Esperase desse estudo demonstrar informações que ajude a comunicar com a criança de uma forma clara e honesta para que ela entenda, e respeitando sempre a capacidade cognitiva e emocional da criança.

Palavras-chave: Criança. Luto. Comunicação.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>8</b>

<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1. Sobre a morte e o morrer.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2. A infância e a morte .....</b>	<b>11</b>
<b>Cap 3. O luto infantil.....</b>	<b>15</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## **INTRODUÇÃO**

O luto é uma fase muito difícil e é considerado como um período traumático por quem passa por ele, principalmente as crianças. Nesse sentido, a comunicação é muito importante no contexto do luto em crianças. Assim, é importante saber falar de uma forma clara, objetiva e que ela entenda que é um processo natural da vida dos humanos, e é preciso levar em consideração o estado emocional da criança. Como melhor manejo para lidar com crianças nessas situações de luto? De qualquer forma, lidar com a perda não é fácil em nenhuma idade, e todo o ambiente familiar é afetado, portanto é essencial que não só o adulto manifeste sua dor diante do processo do luto como também ajude a criança a expressar o que está sentindo sem esconder ou reprimir. Ter compreensão e paciência nesse momento é muito importante, pois é comum que o comportamento da criança experimente algumas mudanças.

É importante ressaltar que o processo de restauração tem avanços e recuos. Worden (1998, p.21) afirma que o luto é considerado um processo e não um estado. Ou seja, trata-se de uma fase de transição, que não vai durar para sempre. Ele é cheio de altos e baixos. As pessoas enlutadas sempre dizem que há dias melhores e outros piores. A recuperação demanda tempo, atenção e esforço. Leve sempre em conta que dias bons e dias ruins fazem parte do processo do luto.

Segundo Lima e Kovács (2011, p. 404), considerar a morte como possibilidade do próprio ser humano que se inicia na infância. Podemos dizer que é através das experiências durante a infância que as crianças compreendem o que é morte, e como se dá o processo do luto. Por isso, é importante não esconder ou contar mentiras durante este processo. O apoio dos responsáveis durante este processo é importante e caso haja necessidade a busca por um profissional não deve ser descartada.

O primeiro enfoque a ser levado em consideração é a idade da criança, pois durante suas experiências da vida pode ser determinante na sua reação frente as perdas. Além disso, o grande foco do problema é que uma criança com menos de 3 anos, geralmente, não tem a dimensão do que é a morte em si. O luto traz sintomas diversos em crianças

com menos de 3 anos no momento de luto, e é preciso estar atento. Segundo Raimbault (1979), nesta faixa etária é comum aparecer sintomas como perda de apetite, enurese, dificuldade para dormir, choro excessivo, medo, regressão de alguns comportamentos já aprendidos, apatia e aumento da dependência, por isso é importante ficar atentos a esses sinais.

Entre 3 e 5 anos, as crianças concebem a morte como uma separação provisória. Elas pensam que seu ente querido morto vai voltar a qualquer momento e, por não compreenderem a complexidade da perda, creem ser a morte reversível. Nessa fase, as crianças se sentem culpadas pelos acontecimentos (Mazorra 2001, p.22).

Segundo Raimbault (1979), as crianças com idades de 6 a 12 anos já conseguem compreender o conceito de morte, é importante estar atento aos sinais que a criança pode desenvolver, algumas tem dificuldades na fala, ansiedade, fobia, tique, medo de escuro e apatia.

Para o autor Chattone (2003) para crianças mais velhas com 12 anos é notável que elas conseguem compreender o conceito de morte e já tem uma visão diferente, entendendo que é um processo natural e que faz parte da vida do ser humano.

Com isso, o presente artigo vai trazer informações para auxiliar os adultos a lidar com essa situação de luto na infância. Pois sabemos que é preciso ter uma comunicação muito clara e objetiva com as crianças, pois são com as experiências que elas se tornam capazes de lidar com o luto. Para Watson, o que elas se tornarão depende inteiramente do ambiente onde se desenvolvem e do manejo dos pais e outras pessoas importantes do seu convívio (SHAFFER; KIPPK, 2012).

É interessante destacar que é necessário desviar-se das expressões “fulano virou uma estrelinha”, pois segundo a Psicologia durante a terapia infantil as crianças até 10 anos ainda estão em construção do seu psiquismo, não conseguindo assimilar certos conceitos de subjetividade. Para ajudar as crianças neste processo de luto é importante que faça a vontade da criança levando-a ao velório, deixando que a criança não esconda seus sentimentos e expresse eles como conseguir. Os responsáveis podem falar que irá sentir falta da pessoa pois não verá ela mais (BROTTO, 2021).

A morte é um acontecimento difícil de explicar ainda, mas para crianças, caso elas façam perguntas é importante respondê-las com sinceridade conforme suas crenças. Com o passar dos dias, se a criança for muito ativa e expressiva, estimule-a a brincar, desenhar

ou até mesmo passear ao ar livre, mas se caso a criança tiver uma personalidade mais fechada, passe um tempo a sós com ela. Tentar manter a rotina comum da casa é uma ótima estratégia, mas levando em consideração que será construído novas memórias boas e significativas deste momento em diante.

Se necessário perceba que é preciso de ajuda de um psicólogo é bastante importante que a criança se sinta à vontade e segura no consultório. Para Fiorini (1985), a criação do vínculo na relação terapêutica deve ser entendida sob duas vertentes: a adaptação do vínculo para as necessidades particulares de cada paciente e a utilização das habilidades e atitudes competentes do terapeuta a serviço deste processo durante a terapia.

É interessante ressaltar que a ludoterapia tem uma eficácia de grande importância em casos de crianças que perderam algum familiar, pois quando elas estão neste processo de luto é possível perceber que elas sofrem implicações psíquicas com o luto familiar, tornando-se mais marcante.

De acordo com Kovács (2007, p.74):

A psicoterapia com crianças enlutadas apresenta-se como forma de cuidado, já que a comunicação das crianças não se restringe à forma oral, a comunicação é fundamental e requer uma maneira especial de escutar a criança e acompanhá-la em suas brincadeiras, desse modo, o contato deve ser livre de censura ou julgamentos prévios, proporcionando um espaço para expressão de sentimentos, uma vez que a criança se sente acolhida e compreendida e percebe que seus sentimentos estão sendo respeitados [...].

Para elaboração do luto, conforme Kovács (2007, p. 74):

É indispensável que as crianças recebam informações abertas sobre a morte de uma pessoa querida, do contrário, abre-se espaço para o medo e para a culpa, ou seja, “[...] as tentativas de ocultar o fato ou diminuir sua importância tendem a dificultar a compreensão.

As implicações pelo luto não vivenciado podem trazer grandes problemas no cotidiano da criança. Segundo Raimbault (1979), o sofrimento não elaborado pode trazer danos em crianças como distúrbios de atenção, diminuição da capacidade de percepção escolar, distúrbios da fala, e até mesmo trazendo reações como fobias, ansiedades, tiques, agressividade, apatia, medo do escuro e estranho.

Segundo Franco e Mazorra (2007):

Além do apoio psicológico à criança, em ocorrência de luto infantil por morte de genitores, seria necessário também um atendimento à família, pois ela se encontra em um momento de crise e desorganização, uma vez que, de forma

geral, a possibilidade de a criança elaborar o luto está associada ao processo de elaboração do luto familiar [...]”.

Portanto o apoio para a criança e sua família, para que se possa compreender os processos do luto infantil e as principais estratégias de comunicação utilizadas neste contexto. Diante disso, o presente estudo tem por objetivo, compreender os processos do luto infantil e as principais estratégias de comunicação utilizadas neste contexto, a partir da revisão narrativa de literatura científica.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo qualitativo e teórico de revisão narrativa da literatura científica que tem como pergunta norteadora: “Como lidar com crianças em relação ao luto infantil?”. A revisão da literatura narrativa ou tradicional como é chamada, quando comparada à revisão sistemática, tem uma temática mais aberta, dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção. Quando colocada na busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos amplo. A escolha dos artigos é arbitrária, contribuindo para que o autor tenha informações sujeitas a viés de seleção, com grande intervenção da percepção subjetiva (CORDEIRO, 2007). As buscas foram realizadas nas bases eletrônicas LILACS, SciELO, Google e Google Acadêmico utilizando-se combinações que abordem o tema desta revisão: Luto *and* Infantil, Comunicação *and* Crianças.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Capítulo 1. Sobre a morte e o morrer**

Nas gerações passadas a morte de crianças era bastante frequente, eram poucas famílias que não haviam perdidos algum parente de pouca idade, nesta geração havia muitas epidemias que acabaram com várias vidas pois o recurso que elas tinham eram poucos para cuidar da saúde. Com o passar dos tempos a medicina avançou e com ela a vacinação na Europa Ocidental e nos Estados Unidos teve grande eficácia. Com isso a educação foi evoluindo tornando-se uma cultura melhor com baixo índice de doença e mortalidade infantil (ROSS,1996)

Podemos dizer que nas gerações passadas a morte em si estava ligada a um acontecimento medonho, para as pessoas era considerado uma forma de castigo. Os relatos a.c, indicam que os hebreus consideravam o corpo do morto como uma coisa impura, na qual não podia ser tocada pois podia ser amaldiçoada. Nesta época a tradição do túmulo trazia com o desejo de sepultar os espíritos ruins, e as pedrinhas que eram jogadas para eles era como uma homenagem que traziam junto os símbolos dos desejos. (ROSS, 1996).

Nos tempos de hoje foi possível observar que o ser humano não mudou, a morte ainda para muitos é considerada um acontecimento medonho, pavoroso. Outra percepção notável hoje é que o corpo não é mais considerado algo impuro. Hoje as pessoas entendem que as crianças podem continuar na casa onde ocorreu a morte, elas podem participar da cerimônia, fazendo isto elas não se sentem sozinhas. É um incentivo para que encarem a morte como parte da vida e como algo natural do ser humano, uma experiência que pode ajudar elas a crescer e amadurecer (ROSS, 1996).

Entretanto, em alguns lugares ainda há um tabu sobre a morte onde os debates sobre ela são considerados mórbidos, e as crianças afastadas com a desculpa que de que seria “demais” para elas. Há ainda quem as afaste, as enviando para a casa de parentes, levando muitas vezes consigo mentiras não convincentes de que “mamãe foi fazer uma longa viagem”, “Virou uma estrelinha” entre outras histórias. A criança percebe algo errado e sua desconfiança nos adultos tende a crescer à medida que outros parentes acrescentam novas variantes ao fato, evitam suas perguntas e suspeitas ou cobrem de presentes como um mero substituto de uma perda que não pode atingir. É importante tomar cuidado pois essas situações podem fazer com que a criança perceba que estão mentindo para ela, e dependendo da sua idade pode ser uma experiência pavorosa, misteriosa, muito traumática, como adultos que não merecem sua confiança (ROSS, 1996).

Durante este processo do luto a pessoa pode procurar se castigar, se recusando a comer, batendo no peito, arrancando os cabelos. A culpa é um sentimento que gera raiva e fúria. O processo de aflição sempre encerra de algum item da raiva, mas geralmente este sentimento de raiva pela pessoa falecida, vem disfarçadas ou reprimidas. É bom lembrar que não nos cabe julgar os sentimentos das pessoas, precisamos ter empatia, e ver que é algo humano e que cada pessoa tem sua subjetividade e age de diferentes formas durante o processo do luto. (ROSS, 1996).

Por se tratar de um processo inevitável, a ideia de morte é quase sempre associada a uma sentença que ameaça o self. Morrer é lidar com a impotência e a falta de controle. Nesse caminho, o processo de morrer envolve medo e emoções negativas por se tratar de algo desconhecido, simbolizando como parte do destino do ser humano (DOLL, 2007; FREUD, 1915/1917; PESSINI, 2001; PY, 2004).

Existem 5 estágios de reação a perda, por Elizabeth (2005) A autora traz que no primeiro estágio nomeada de negação e isolamento podem servir como mecanismo de defesa, para aliviar o impacto da notícia, como uma negação para não confrontar com a situação. Ocorre em quem é informado abruptamente a respeito da morte, podendo ocorrer em outros momentos (BASSO; WAINER, 2011).

O segundo estágio é a raiva, neste momento as pessoas externalizam a revolta que estão sentindo, podendo até se tornar mais agressivos, procurando culpados e fazendo vários questionamentos como: “Por que ele?”, com intuito de aliviar seu sofrimento e revolta pela perda (BASSO; WAINER, 2011). Torres (2002, p.162) alerta que a prudência do adulto consiste, nessas explicações próprias de cada etapa cognitiva da criança algumas vezes vai ter que requerer para desfazer certas crenças para evitar uma crise maior.

Contudo o terceiro estágio chamado por barganha é uma adiar os temores diante da situação, isto é, tentam negociar com pessoas que segundo sua crença tem o poder de intervenção sobre a situação de perda. Essas negociações são feitas a Deus e até mesmo aos profissionais de saúde (BASSO; WAINER, 2011).

O penúltimo estágio chamado de depressão que pode ser dividida em duas vertentes sendo a primeira reativa que é quando surgem outras perdas devido a perda por morte e a depressão preparatório é o momento que a aceitação está mais próxima, a pessoa fica mais quieta repensando e processando o que a vida fez com elas (BASSO; WAINER, 2011).

Finalmente, o último estágio de reação à perda é chamado de aceitação. Quando as pessoas chegam a esse estágio podemos observar que elas ficam mais tranquila frente ao acontecimento de morrer. Neste momento elas conseguem expressar seus sentimentos, emoções e frustrações de uma maneira mais clara. É possível perceber que quanto mais ficarem no estágio de negação, mas dificilmente vão chegar neste último estágio. Cabe destacar que, todos esses estágios não são um roteiro para ser seguido, e sim que podem sofrer alterações de acordo com cada pessoa (BASSO; WAINER, 2011).

Além disto vale mencionar que a morte de uma pessoa querida é uma das experiências mais dolorosas que o ser humano pode sofrer. É difícil para quem a vivência, como também para quem está de fora podendo trazer o sentimento de impotência. A palavra luto é utilizada para indicar uma variedade de processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa amada, apenas o retorno da pessoa perdida pode favorecer o verdadeiro conforto e felicidade neste momento (BOLWBY, 1985/2004).

## **Capítulo 2. A infância e a morte**

A única certeza que temos é a morte faz parte do desenvolvimento humano (SENGIK; RAMOS, 2013). Trata-se de um fenômeno de caráter desconhecido, que foge do controle do ser humano, que invade a existência das pessoas de modo repentino, sem permissão e muitas vezes sem um preparo para a sua chegada, colocando o sujeito diante de inúmeros temores e incertezas, trazendo à tona o sentimento de impotência e uma tristeza profunda (CASELLATO, 2015; KOVÁCS, 2003). Nessa linha de pensamento, a sociedade, que nada pode fazer contra a morte, procura formas de evitar falando deste assunto.

Ao se pensar a morte, reflete-se sobre perdas simbólicas, sentindo frustrações e pelos sofrimentos do sujeito. É importante ressaltar que a morte da pessoa amada traz a aproximação da própria morte, como uma ameaça. Todo seu significado pessoal e internalizado é, então, evocado e as vulnerabilidades pessoais (BROMBERG, 1998, p.19).

Durante nossas experiências com a vida, com a perda de objetos, abandonos, adoecimentos e separações todas essas situações de algum modo retratam na forma do ser humano reagir. Assim, a morte se faz presente em níveis emocionais, sociais e somáticos ao longo do desenvolvimento humano, deixando suas marcas durante o ciclo vital (KOVÁCS, 2005; KUBLER-ROSS, 2008).

Na antiguidade, os gregos utilizavam palavras incertas e duvidosas para classificar qualquer pessoa que estivesse num estágio entre a infância e a velhice, eles não tinham um conceito para definir a infância e as diferenças das etapas do ser humano. Nessa época não existia restrições morais, ocorrendo a prática do infanticídio (EMANUELLE, 2014).

Na Idade Média, a morte era considerada um evento familiar, pois já havia um preparo e um olhar de naturalidade, e até mesmo as crianças eram autorizadas e

incentivadas a participar do velório e do enterro. No século XIX, a morte do outro passou a ser assustadora, as crianças foram afastadas dos seus rituais de despedida (ARIÈS, 2017). Nesta época as crianças são vistas como adultos em miniatura e os adultos, tratando-as sem discriminação e sem pudor. Com isso, o desenvolvimento da criança dava-se através das relações que eram construídos com os mais velhos.

Foi só na Idade Moderna, que as crianças passaram a ser vistas como um ser social, assumindo um papel central nas relações familiares e da sociedade, tornando-se um ser de respeito, com características e necessidades próprias. É durante o processo de aquisição do conhecimento que ela deve ser vista como um ser pleno, cabendo a ação pedagógica reconhecer suas diferenças e construir sua identidade pessoal. E para estimular a criatividade da criança é necessário pensar em formas lúdicas e criativas para incentivar a imaginação (EMANUELLE, 2014).

O desenvolvimento e o processo de aprendizagem estão ligados ao meio social em que a criança vive e tem acesso aos materiais culturais. Por isso é importante estar na escola pois é lá que as crianças vão viver trocas de experiências (EMANUELLEE, 2014).

Dessa forma, falar sobre a morte acarreta angústia frente a essa situação, especialmente quando se trata de conversar sobre o tema com a criança. Conforme Bromberg (1998), para as crianças o significado que elas dão a morte vai variar de acordo com sua idade, com seu vínculo com a pessoa falecida, seu desenvolvimento também deve ser levado em consideração e como o adulto com quem ela convive lida com a perda.

É notável que quando o adulto mente sobre a morte de um familiar para a criança ela percebe que algo está errado, pois crianças são muito observadoras e veem pessoas tristes, pessoas cochichando o que pode gerar uma confusão para ela neste momento. Por isso é aconselhado a não omitir estas informações (SBERSE; BROCCHETT, 2013).

É importante conversar com a criança sobre a morte de uma forma que ela entenda, clara, e lúdica e com cuidado, sempre respondendo as suas perguntas Kovács (2002, p.49) diz:

uma aguda capacidade de observação e quando o adulto tenta evitar falar sobre o tema da morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. (2002, p.49)

Evitar falar que foi para o céu, foi viajar, está doente, ou que logo retornará geram confusão e dor além de permanente frustração a criança pois dependendo da idade elas não sabem como processar essas informações, fazendo bloquear todo o processo de conhecimento e desenvolvimento psíquico da criança. “A ausência se faz mais dolorosa e conflitiva”. (ABERASTURY, 1984 p.132).

De acordo com Torres (2002), o processo de evolução do luto da criança, é consideravelmente influenciada pelo que lhe é dito, e é importante observar como ela reage diante disto.

É importante deixar a criança se expressar da forma que ela consegue no momento, seja ficando calada, brincando, ou desenhando cada criança tem seu momento de lidar com o luto. Para crianças que não tem uma compreensão clara do que é morte, a forma da linguagem tem papel fundamental neste processo (ABERASTURY, 1984). Segundo Kovács (2002), o processo do luto é cessado quando a criança consegue guardar, dentro de si, a presença da pessoa perdida compreendendo sua ausência, e é esse processo é capaz de permitir a evolução para o restabelecimento com outras relações.

O vocábulo morte acarreta fantasias e constitui-se a partir de muitos significados, fazendo os adultos evitem usá-los na companhia de uma criança. Para Larrosa as palavras têm poder, produzem sentido e criam realidades (LARROSA, 2002).

Logo, os autores que estudam desenvolvimento humano dividem a infância de forma didática em três principais momentos. O primeiro momento é do nascimento até os três anos, o segundo momento da infância são dos três aos seis anos, e a terceira infância se dá dos seis aos onze anos, por fim, a adolescência dos onze aos vinte anos (PAPALIA, OLDS; FELDMAN, 2010).

Cabe ressaltar que a maneira como a morte é compreendida é dinâmica ao longo do desenvolvimento humano. Von Hohendorff e Melo (2009) esses autores ressaltam que o ser humano tem contato com as perdas desde a infância. Deste modo, a criança sofre com as perdas desde seu nascimento, como, por exemplo, a perda da vida uterina, a mudança de cuidadores, a mudança de escola, a separação dos pais, entre outras. Assim sendo, importante observar como são os vínculos afetivos que ela estabelece nesta fase pois são determinantes para que, futuramente, em frente de forma saudável as perdas e mortes reais (PAIVA, 2011).

Da mesma forma, Paiva (2011) e Torres (1999) revelam que estudos sobre a aquisição do conceito de morte pelas crianças, baseados nas etapas estipuladas por Jean Piaget, demonstram que, para cada estágio de desenvolvimento, a criança compreende a morte de uma forma, desde sua fase bebê até a adolescência. Assim, no período sensório-motor, para crianças de 0 a 2 anos (antes da aquisição da linguagem), o conceito de morte não existe, a morte é entendida pela ausência e falta, a morte corresponde à experiência de dormir e acordar. Neste sentido, à medida que a criança vai passando pelos estágios estipulados por Piaget, vai se tornando capaz de compreender a morte como finita, irreversível e universal, processo que acontece com todas as pessoas.

No período pré-operacional, as crianças de 3 a 5 anos compreendem a morte como um fenômeno transitório e reversível. Não diferenciam os seres animados dos inanimados, entendem a morte ligada à imobilidade, apresentam pensamento mágico, ou seja, para elas, tudo é possível. No período operacional (de 6 a 9 anos), as crianças entendem a oposição entre vida e morte, compreendem a morte como um processo imutável e permanente. Entendem a irreversibilidade da morte. E, no período de operações formais (de 10 anos até a adolescência), o conceito de morte, devido ao pensamento formal, torna-se mais abstrato.

Kovás (2008), diante de suas observações retrata que a televisão influencia a maneira de encarar a morte, pois ao exibir sobre esse tema na maioria das vezes não respeitam a individualidade e a privacidade das pessoas. Essas notícias muitas das vezes apresentam imagens fortes, de dor e sofrimento o que pode provocar em quem vê confusão e a não elaboração do luto. Pode-se perceber que desenhos animados também podem apresentar cenas como essas, o que pode dificultar ainda mais a compreensão da morte para as crianças. Deste modo, percebe-se que há vários elementos que influenciam a compreensão da morte pela criança, tais como a idade cronológica, a constituição psíquica, os aspectos da vida pessoal, como as experiências de perdas, fatores que influenciarão no luto posterior.

Neste aspecto, Ferreira (2011) salienta que a criança vive em contato com o lúdico, onde tudo pode ser transformado, inclusive a morte, por este motivo, é mais difícil para ela compreender a morte. Em virtude desta dificuldade cognitiva e emocional da criança em dar sentido a perda, a elaboração do luto é processada ao longo de sua formação psíquica, isto é, em distintos momentos de sua vida, à medida que vai podendo significar o que viveu (FRANCO; MAZORRA, 2007).

Porém, a forma pela qual a criança reagirá diante da morte é própria de cada uma. Conforme Louzette Gatti (2007), a duração e a intensidade dos sentimentos dependerão tanto de sua personalidade quanto do seu vínculo afetivo com a pessoa falecida.

### **Capítulo 3. O luto infantil**

Freud, em *Luto e Melancolia* (1917, 1915, 1996), descreve o luto como uma atividade na qual o ego tem de processar para poder adaptar-se à perda do objeto amado. A elaboração do luto não implica o desligamento total do objeto perdido, pois a ligação com o objeto interno permanece e é transformada durante o trabalho de luto. É essa atividade de trabalho de ressignificação, de transformação da relação com o objeto perdido, que permite a elaboração do luto.

Bowlby (1960,1993) estabelece que apesar da agonia sentida pela pessoa que perde um ente significativo e a sequência de sentimentos que acompanham o enlutamento pode-se dizer que o luto é visto como trabalho psíquico para elaboração diante da perda.

Levando em conta os conceitos de Klein (1970,1996a, 1996b), Bowlby (1960,1993) e Winnicott (2000), autores que estudaram o tema do luto na infância, com diferentes escolas psicanalíticas, é possível refletir que crianças entre quatro a sete meses já é possível sentir a perda por uma separação. Embora sua capacidade simbólica seja restrita, existiria o primeiro desenvolvimento do processo psíquicos de elaboração.

Para Bowlby (1993), para o autor crianças com dezesseis meses de idade tem mais recursos cognitivos e emocionais para lidar com o luto. É importante ressaltar que comparar os recursos emocionais da criança com esta idade com um adulto é bastante ousado, pois o psiquismo da criança ainda está em formação.

Da perspectiva dos recursos cognitivos da criança, Torres (1999), salienta que a criança somente compreende o processo da morte quando é possível atingir o modo de pensamento Operatório Concreto, por volta dos sete anos de idade. Quanto maior a dificuldade de compreender o processo da morte, mais dificilmente irá alcançar a elaboração da perda.

Segundo Scalozub (1998), toda criança tem dificuldade de elaborar a perda de um objeto amado, ainda mais quando se tem um apego pois, seu psiquismo está em

desenvolvimento, sendo necessário de pessoas para garantir sua sobrevivência física e desenvolvimento emocional.

É importante destacar que o modo como a criança elabora a perda simbólica pode estar relacionada a diversos fatores como: intrapsíquicos que é a elaboração da posição depressiva arcaica usando recursos para elaborar as perdas. Outro fator que está associado é os externos que é a relação com a pessoas, relação com o adulto sobrevivente, informação de como é recebida pelas crianças, sobre a dinâmica familiar, como foi que a pessoa morreu, e as mudanças no cotidiano da criança, todo esses fatores devem ser observados diante do processo (ABERASTURY, 1973; BOWLBY, 1993; DOMINGOS MALUF, 2003; GUÉRIN, 1979; KLEIN, 1996; KRAUS; MONROE, 2005; NICKMAN; NORMAND, 1998; WINNICOTT, 1994; WORDEN, 1996).

Segundo Torres (1999, p. 119):

O processo e os resultados das reações da criança ao luto dependerão de vários fatores, tais como a idade, a etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra, de sua estabilidade psicológica e emocional e da própria significação da perda, isto é, da intensidade e diversidade dos laços afetivos.

Para que a criança consiga assimilar de fato o que é morte, existem dois conceitos fundamentais: irreversibilidade e o universalidade. Segundo Torres (1999), o autor usa este conceito chamada de irreversibilidade para a compreensão de que o corpo não pode viver depois da morte, ou seja, não é capaz de voltar a viver, já o conceito de universalidade está referindo que todos nós estamos suscetíveis a morrer. É possível compreender que todas as crianças são afetadas de alguma maneira, mas a morte não é um problema, a preocupação é como a criança segue após ela, ou seja, o luto.

Devemos estar atentos pois o processo de luto é diferente para cada indivíduo e para crianças se torna ainda mais complexo pois, cada uma tem sua subjetividade e vai reagir de uma forma.

Segundo Bromberg (2000, p. 60):

O luto infantil é frequentemente considerado um fator de vulnerabilidade a muitos distúrbios psicológicos na vida adulta. Esses distúrbios vão desde a excessiva utilização de serviços de saúde, por tê-la com frequência debilitada, até aumento no risco de distúrbios psiquiátricos.

A nossa cultura tem uma enorme dificuldade em falar sobre morte, pois é algo que traz, medo do desconhecido e sobre os sentimentos, muitas pessoas reprimem, pois, não querem falar de algo que traz toda a dor da morte (HISATUGO, 2000).

É claro que não falar da dor não significa que não a senti, por este motivo é importante encorajar as crianças a não esconder esse sentimento para que ela consiga elaborar o luto (MAZORRA, 2001).

Hisatugo (2000, p. 18-19) afirma que:

Falando claramente sobre a morte de alguém, permite-se maior segurança e amadurecimento infantil. Enganar a criança é privá-la de desenvolver-se e pode causar sérios danos psicológicos. A ideia de poupar a criança sobre a morte muitas vezes é um argumento adulto para não tratar do assunto. É claro que não há necessidade de contar fatos mórbidos ocorridos com o falecido, mas é importante explicar sobre a finitude humana, a irreversibilidade e nossos sentimentos em relação à morte.

Para elaboração do luto, conforme Kovács (2007), é inevitável que as crianças recebam informações abertas e claras sobre a morte de uma pessoa querida, caso ao contrário, a criança pode se confundir e sentir culpa e medo, com isso é importante não ocultar as informações pois pode a dificultar a compreensão.

De acordo com Torres (1999), existem formas saudáveis de ajudar as crianças e uma delas é promover a comunicação aberta e segura, deixando que elas tenham tempo de expressar seus sentimentos.

Segundo Franco e Mazorra (2007), além do apoio psicológico à criança, em caso de morte de genitores, é necessário que tenha um atendimento à família, pois nesse momento ela pode se encontrar em um momento de crise e desorganização, uma vez que o processo de elaboração de luto também está associado a forma como a família lida com o luto.

Consideramos a importância da ludoterapia neste momento pois estabelece um espaço onde a criança vai ser encorajada e criativa através de jogos com mínimo de verbalização ou interpretação do terapeuta, pois o brincar facilita seu desenvolvimento (GRUNSPUN, 1997, p. 21).

Garbarino (1992 apud BOMTEMPO, 1997, p. 69) destaca:

É através de seus brinquedos e brincadeiras que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo com o

mundo dos adultos, onde ela restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros.

Segundo Axline (1984), é através da ludoterapia que a criança vai ter oportunidade de libertar e expressar seus sentimentos. Conforme Ribeiro (2002), neste ambiente as atividades lúdicas ajudam as crianças a assimilar valores, adquirindo comportamentos, e desenvolve diferentes áreas de conhecimento, elas também exercitam fisicamente e aprimora suas habilidades motoras.

Segundo Coppolillo (1990, p. 212), existem cinco conquistas na primeira fase da psicoterapia:

1. A criança atinge um grau de bem-estar que a permite ser produtiva nas sessões;
2. A criança se comunica normalmente;
3. A criança e o terapeuta atingem uma aliança de trabalho ou aliança terapêutica;
4. A criança se torna consciente de que algumas das suas atividades mentais são geradas internamente, em vez de tiradas do mundo externo;
5. A criança e o terapeuta começam a dividir modos de representar seus estados internos com palavras, imagens e símbolos.

Dessa forma, o vínculo entre paciente e terapeuta se faz muito importante pois é através do vínculo que ocorre as transformações da psicoterapia para adquirir sucesso durante o processo terapêutico (OTERO, 2001).

Algumas crianças podem chegar ao atendimento com dificuldades de se comunicar, com isso a ludoterapia criou condições de jogos para que a criança expresse seus sentimentos. A ideia é de que a criança se consiga jogar para fora seus problemas se lhe for dada esta oportunidade (GRUNSPUN, 1997,).

De acordo com Axline (1984, p. 28):

A sala de ludoterapia é um bom lugar de crescimento. Na segurança dessa sala, onde a “criança” é a pessoa mais importante, onde ela está no comando da situação e de si mesma, onde ninguém lhe diz o que deve fazer, ninguém critica o que faz, ninguém importuna, faz sugestões, estimula-a ou intromete-se em seu mundo particular, subitamente ela sente que pode abrir suas asas, pode olhar diretamente para dentro de si mesma, pois é aceita completamente.

De acordo com Kovács (2007), a psicoterapia com crianças enlutadas é como forma de cuidado, pois a comunicação das crianças não se limita somente à forma oral, a comunicação é fundamental e se retrata de uma forma especial de escutar a criança e estar junto com suas brincadeiras, esse contato deve ser livre de julgamentos e sem censura, deve ser um espaço onde a criança possa se sentir acolhida e compreendida.

De acordo com Torres (2002), o processo de evolução do luto da criança é influenciado pela forma que seja dita, e caso for morte por um dos pais, quem sobrevive também vai influenciar como a criança vai reagir.

É importante deixar a criança se expressar da forma que ela consegue no momento, seja ficando calada, brincando, ou desenhando cada criança tem seu momento de lidar com o luto (ABERASTURY, 1984) vale destacar que a linguagem tem um papel fundamental no processo da morte pois quando é dialogado de uma forma clara e lúdica a criança passa a entender melhor sobre sua perda e sobre seus sentimentos. Segundo Kovács (2002), o luto somente é finalizado quando a criança consegue guardar, dentro de si, a presença da pessoa perdida mesmo na sua ausência, e quando ela conhece sobre seus sentimentos, permitindo o estabelecimento de outras relações.

Além da morte por si, por ser algo desconhecido vale mencionar que a perda de uma pessoa amada é muito dolorosa, quanto para quem vivência quanto para quem observa, além disto pode haver a culpa e a impotência de não conseguir ajudar. Em vista dos argumentos, a palavra luto é utilizada para designar uma multiplicidade de processos psicológicos afetados pela perda de uma pessoa querida, quaisquer que sejam os seus resultados. Para uma pessoa que está em processo de luto, apenas a volta da pessoa perdida é capaz de trazer o verdadeiro conforto (BOLWBY, 1985/2004).

Segundo Ariés (2017), no século XIX a morte era muito temida, as crianças eram afastadas dos rituais de despedida dessa. O ideal é buscar compreender que falar sobre a morte quando não falada de uma forma objetiva pode causar várias implicações como angústia e confusão.

Dessa forma, as crianças não sabem constituir seus sentimentos, por isso, ela se expressa por meio do brincar, utilizando por meio do simbolismo para expor suas fantasias, ansiedades, e sentimentos, quando necessário que a criança vá para terapia, é utilizado no processo terapêutico o apoio de brinquedos e desenhos. Quando se perde uma pessoa querida implica a necessidade de readaptação, ainda, mas quando o ambiente traz lembranças para lidar com as emoções e a afetividade. Por isto, contar com a ajuda do psicólogo é fundamental pois promove suporte para recursos internos, para a elaboração do luto, a criança vai se sentir acolhida, compreendida e segura nesse momento de confusão e medo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados esta pesquisa buscou compreender o luto infantil e como a morte pode se tornar um acontecimento medonho e pavoroso para as crianças. A palavra luto é utilizada para indicar variedade de processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa amada, quaisquer que sejam os seus resultados.

Durante as gerações passadas as crianças eram retiradas de suas casas, pois as pessoas tinham a ideia de que a morte era algo ruim, por conta de ser algo desconhecido. Os adultos não contavam o que estavam acontecendo, preferiam esconder das crianças, inventando histórias. Mas diante disso dependendo da idade e do desenvolvimento a criança já consegue entender o que é morte, pode desenvolver ainda mais desconfiança e confusão durante desse momento.

É preciso entender que hoje as crianças podem continuar na casa onde ocorreu a morte, podendo participar das conversas, das discussões, fazendo com que não se sintam sozinhas na dor, dando o conforto de uma responsabilidade e luto compartilhados. Neste momento que a criança perde um ente querido, é importante não inventar histórias, ou mentir sobre o acontecimento, pois nestas situações a criança pode não entender e ficar mais confusa esperando que algum dia o ente querido possa voltar. É de suma importância responder seus questionamentos de acordo com a sua idade e compreensão.

É um incentivo para que encarem a morte como parte da vida, uma experiência que pode ajudá-las a crescerem e amadurecerem, sabendo também que a morte é a única certeza da vida é algo que faz parte do desenvolvimento do ser humano. Assim, a partir do momento que a criança tiver idade suficiente para se vincular, poderá ter consciência da possibilidade de perder a pessoa amada, de ter os vínculos rompidos, não com o aspecto negativo, mas sim, entender a morte/ perda como algo natural.

O luto infantil é inigualável a qualquer outro sentimento, sendo assim a presença do psicólogo é muito importante. A proximidade com a pessoa, a forma como o óbito acontece, as particularidades da criança são situações que mais influenciam nas mudanças de comportamento, irritabilidade, medo de dormir sozinha, entre outras.

Diante do luto, o desconhecimento da família são umas das principais dificuldades pois, além da família já estar abalada, muitas vezes não vão saber lidar com o estado da

criança e assim ela não irá superar o acontecimento de maneira saudável, e para que evite o sofrimento e desenvolvimento da criança o psicólogo fará o acolhimento necessário e poderá ajudar a família nessa situação e na tomada de decisões. As atividades do psicólogo nesse processo é que a criança possa desenhar, pintar, escrever para expressar suas emoções e sentimentos, outra atividade muito efetiva é reforçar todas as memórias positivas, é possível usar filmes que tragam esse tema pois, se faz bastante interessante dependendo da idade da criança.

Quando a família já está abalada, pode haver dificuldade em lidar com as diferenças do luto infantil e desconhecimento sobre como ajudar a criança a superar isso de maneira saudável. O psicólogo pode oferecer acolhimento de maneira profissional para evitar que o sofrimento prejudique o desenvolvimento da criança. Da mesma maneira, pode ajudar a família a entender qual o seu papel nessa situação e tomar decisões importantes, como levar ou não ao velório, como conversarem sobre o acontecido, como acolherem as angústias em relação a perda.

Diante das pesquisas realizadas sobre o tema luto infantil foi possível perceber que é preciso ser investigado mais sobre as intervenções que são feitas durante da psicoterapia infantil, pois não foi possível saber detalhadamente sobre as intervenções que são realizadas.

## REFERÊNCIAS

BAÚ, Mena Barreto, Jorgiana; ROCHA, Marilise Vanusa. A ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso. *Pesquisa em Psicologia - anais eletrônicos*, [S. l.], 2015. Disponível em: <[https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp\\_ae/article/view/8555](https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555)>. Acesso em: 23 nov. 2021.

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista brasileira. terapia. cognitiva.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-43, jun. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180856872011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180856872011000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 09 abr 2022.

BROTTO, Thaiana. **Crianças e luto: como ajuda-las a enfrentar o luto?**. Psicólogo e Terapia, 2021. Disponível em: <https://www.psicologoeterapia.com.br/blog/comoajudar-uma-crianca-a-entrentar-oluto/#:~:text=A%20ajuda%20do%20psic%C3%B3logo%20promove,momento%20de%20desamparo%20e%20incerteza>. Acesso em: 14 mar.2022.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista. Colegio. Brasileiro. Cirurgiões.** Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010069912007000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010069912007000600012&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 6 maio de 2021.

PRIMAVERAS. **Como lidar com o luto infantil? Entenda as particularidades.** São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://blog.primaveras.com.br/luto-infantil/>>. Acesso em: 04 abr 2022.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia (Campinas)** [online]. 2007, v. 24, n. 4, pp. 503-511. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>>. pub 22 Set 2011. ISSN 1982-0275. Acesso em: 23 nov 2021.

GIARETON, Daynah Waihrich Leal et al. A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2020, v. 25, e250035. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250035>>. pub 07 Set 2020. ISSN 1809-449X. Acesso em: 08 nov. 2021.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Conceito de Infância.** 2014. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/sociologia/conceito-de-infancia/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

REGINATO, Amanda, Bortolin Denice. Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida. **Revista de Psicologia da IMED**, jan.jun., 2013, num. espec. v. 5, n. 1, p. 23-31. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FJ3gwgKxR4Cbkbs8tNkG8tD/?lang=pt>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

ROSS, Elisabeth. Sobre a morte o morrer. 7. ed. São Paulo: **Livraria Martins Fontes Editora Ltda**, 1996. cap. Sobre o temor da morte, p. 8-12. Disponível em: <<https://cursosextensao.usp.br/mod/resource/view.php?id=25795>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SALMAZO, Silva, H; ZEMUNER, M.N; RODRIGUES, P.H.da S; ANDRADE, T.B. de, MARTIANO, V; FALCÃO, D.V. da S. (2012). As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. **Revista Temática Kairós Gerontologia**,15(4), pp. 185-206, “Finitude/Morte e Velhice”. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/10100/12634>>. Acesso em: 18 out. 2021.

SOARES, Edirrah. Conversando sobre o luto.1. ed. **São Paulo: Agora**, 2013. cap. O luto da criança: as crianças e o funeral, p. 1-61. ISBN 9788571831254. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/49563>. Acesso em: 6 maio 2021.

SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE GARÇA, 2017, Garça\Sp. A Elaboração do Luto na Infância. **Garça: Summus Editorial Ltda**, 2017. 312 p. Disponível em: <https://www.faef.br/userfiles/files/Anais%20FAEF%202017%20%20Vol%2006%20-%20Psicologia.pdf#page=20>. Acesso em: 20 maio 2021.

SENGIK, Aline. Sberse; RAMOS, Flávia. Brocchetto. (2013). Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 379-387. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTrmYqHG4T3zByj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2021.

TERAPIA, P. E. **Como ajudar uma criança a enfrentar o luto | Psicólogo**. Disponível em: <<https://www.psicologoeterapia.com.br/psicologia-infantil/comoajudar-uma-crianca-a-entrentar-o-luto/>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicologia. hospitalar**. (São Paulo),

São Paulo, v. 14, n. 1, p. 78-93, jan. 2016. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167774092016000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167774092016000100005&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 06 maio de 2021.